



GUERRA NO ORIENTE MÉDIO

Troca de acusações e passagem fechada

Hamas deixa negociações sobre trégua e denuncia Israel por "sabotar os esforços dos mediadores". Netanyahu se recusa a retirar as tropas e bloqueia fronteira por onde ajuda humanitária entra em Gaza

Fracassou, no Cairo, a última rodada de negociações pela trégua entre Israel e Hamas, com as duas partes acusando uma à outra de inflexibilidade. Amanhã, será realizada uma nova tentativa na capital egípcia, após sete meses de guerra, afirmou o site *Al Qahera News*, citando uma "fonte bem informada". Questões como o fim do conflito e a libertação dos reféns israelenses são algumas das que emperram a pauta.

O principal obstáculo nas negociações foi a duração de um cessar-fogo, com o Hamas exigindo que fosse permanente, e o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, de Israel, manifestando abertura a uma suspensão apenas temporária dos combates. O líder israelense afirmou que aceitar os termos do movimento palestino seria "uma derrota terrível para o Estado de Israel", equivalente à "capitulação". Tel Aviv também anunciou, ontem, o fechamento de um corredor de ajuda humanitária a Gaza (leia mais abaixo).

"Sabotagem"

A última proposta de trégua que os mediadores internacionais — Catar, Egito, Estados Unidos — apresentaram ao Hamas previa uma interrupção dos combates

durante 40 dias e a troca de reféns israelenses detidos em Gaza desde 7 de outubro por palestinos presos em Israel. Poucas horas antes da retomada do segundo dia de negociações, porém, um líder do movimento islamista destacou que não seria aceito, "em nenhuma circunstância", um acordo que não incluísse explicitamente o fim da guerra.

"Quando Israel mostra a sua boa vontade, o Hamas persiste nas suas posições extremas, entre as quais se destaca a sua exigência de retirada das nossas forças da Faixa de Gaza, o fim da guerra e a preservação do Hamas", reagiu Netanyahu em uma reunião de gabinete. "Israel não pode aceitar isso", declarou. Em resposta, o chefe do Hamas, Ismail Haniyeh, acusou o israelense de "sabotar os esforços dos mediadores" para obter uma trégua no território palestino, devastado após quase sete meses de conflito.

William Burns, chefe da Agência de Inteligência Norte-americana, CIA, participou das negociações na capital egípcia e, agora, tentará, no vizinho Catar, uma "reunião de emergência" com o primeiro-ministro Mohamed bin Abdulrahman al Thani. Já o Fórum de Famílias de Reféns mostrou-se decepcionado com o impasse, e pediu a Netanyahu para "ignorar a pressão política"



Palestinos buscam por sobreviventes nos escombros de prédio destruído após bombardeio israelense em Rafah, no sul do enclave

e aceitar um acordo que permitiria a libertação dos israelenses.

Durante meses, as negociações destinadas a alcançar um cessar-fogo e a libertação de reféns registraram poucos progressos, mas surgiram sinais de que as duas partes estavam mais perto de um acordo. Israel recuou em algumas das suas exigências de longa data e um alto responsável do Hamas chegou a dizer que o grupo estudava a última oferta de Netanyahu com um "espírito positivo".

Ataque

Além de não concordar com o fim da guerra, Israel, que classifica o Hamas como organização terrorista, insiste em lançar uma ofensiva terrestre contra Rafah, por considerá-la o último reduto dos comandos islamistas. Ontem, tropas israelenses anunciaram que três soldados morreram e 11 foram feridos em um ataque de foguete do Hamas na cidade. Em resposta, o Exército fechou a

passagem Kerem Shalom que dá acesso à Faixa de Gaza — e por onde entra a ajuda humanitária. Dezesesseis palestinos teriam morrido em um contra-ataque, não confirmado oficialmente.

Os Estados Unidos, principal aliado de Israel, opõem-se a uma invasão de Rafah, onde 1,2 milhão de pessoas estão aglomeradas, a maioria delas deslocadas pela guerra. Uma operação terrestre na cidade também comprometeria a ajuda humanitária

que entra em Gaza, especialmente por meio dessa localidade, na fronteira com o Egito.

Em plena crise humanitária, as relações entre Israel e a Agência da ONU para os Refugiados Palestinos (UNRWA) seguem deterioradas, desde que Israel acusou uma dúzia de seus funcionários de ter participado no ataque de outubro. O diretor da UNRWA, Philippe Lazzarini, denunciou ontem que as autoridades "negaram, mais uma vez, a entrada em Gaza".

Premiê suspende operações da Al Jazeera

A transmissão televisiva da Al Jazeera foi interrompida, ontem, em Israel, após a decisão do governo de "fechar" a emissora do Catar no país. Em uma declaração conjunta com o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, o ministro das Comunicações, Shlomo Karhi, disse ter emitido a ordem para fechar a emissora, confiscar equipamentos e restringir a transmissão aos sites da Al Jazeera.

Com sede no Catar, país que vem tentando intermediar um cessar-fogo entre Israel e o Hamas, a direção da Al Jazeera repudiou a decisão de proibir a transmissão da cobertura da guerra na Faixa de Gaza. "Condenamos e denunciamos esse ato criminoso de Israel que viola o direito humano de acesso à informação", declarou o canal, em um comunicado.

A Al Jazeera acrescentou que

medidas legais serão adotadas. "A rede recorrerá a todas as vias legais disponíveis, por meio de instituições jurídicas internacionais, nos seus esforços para proteger tanto os seus direitos como os dos jornalistas, assim como o direito do público à informação", assinalou.

"A contínua repressão de Israel à liberdade de imprensa, vista como um esforço para ocultar as suas ações na Faixa de Gaza, viola o direito internacional e humanitário", acrescentou a emissora, que denunciou afrontas sucessivas e obstáculos à cobertura do conflito: "Ataques diretos e assassinatos de jornalistas, prisões, intimidações e ameaças por parte de Israel não impedirão a Al Jazeera de cobrir eventos na área".

Pouco após o anúncio de Netanyahu, os canais árabe e inglês da Al-Jazeera passaram a exibir



Escritório da emissora em Ramallah, na Cisjordânia ocupada

uma mensagem sobre fundo preto que dizia: "De acordo com a decisão do governo, a transmissão do canal Al-Jazeera foi suspensa em Israel". Os sites da emissora permaneceram acessíveis por meio da rede móvel israelense.

A Al Jazeera vem sendo alvo de críticas há meses por parte do

governo de Netanyahu, embora a disputa entre os dois tenha começado muito antes do atual conflito. Após o início da guerra de Israel contra o Hamas em Gaza, o escritório da rede no estreito território palestino foi bombardeado e dois dos seus correspondentes morreram.

"Inimigo brutal"



Na cerimônia oficial do Dia da Memória do Holocausto em Yad Vashem, na noite de ontem, o primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu acusou o Hamas de ser um "inimigo implacável e brutal", que busca a destruição de Israel. Citado pelo site *The Jerusalem Post*, o líder afirmou que o ataque do movimento palestino, em 7 de outubro, só "não foi um Holocausto" porque "faltou capacidade". "Os assassinos do Hamas são guiados exatamente pelo mesmo objetivo, mas hoje Israel tem uma força, que o pode defender", declarou.

PANAMÁ



Mulino (E) abraça Martinelli, seu mentor: comemoração antecipada

De candidato impugnado a presidente

Impedido de tentar voltar ao Palácio de Las Garzas após ser condenado à prisão por lavagem de dinheiro, o ex-presidente do Panamá Ricardo Martinelli conseguiu fazer seu ex-ministro José Raúl Mulino vitorioso nas urnas. Com 82,43% das urnas apuradas, Mulino, cuja candidatura foi confirmada a menos de 48 horas da votação, despontava com quase 647 mil votos (34,3% do total), 164 mil a mais do que o ex-cônsul Ricardo Lombana, o segundo colocado. No Panamá,

não há segundo turno. Vence quem tem mais votos.

Aos 64 anos, Mulino se tornou candidato da oposição em um procedimento polêmico de troca de cabeça de chapa após a inabilitação de Martinelli, que despontava nas pesquisas. Por não ter passado por primárias e por não ter um vice-presidente, foi contestado. Mantendo os panamenhos em suspense, a Justiça validou a candidatura apenas na última sexta-feira.

Durante toda a campanha,

Mulino permaneceu como favorito, com o dobro das intenções de voto em relação aos três principais concorrentes. O ex-presidente social-democrata Martín Torrijos, o ex-chanceler Rómulo Roux e Lombana, de centro-direita, buscaram, sem sucesso, o voto anti-Martinelli.

Cercado por jornalistas, Mulino votou cedo e depois visitou Martinelli na Embaixada da Nicarágua, onde o ex-presidente se refugiou, em fevereiro, para evitar a prisão. "Irmão!" e "Vamos

ganhar!", disseram quando se abraçaram em um salão da embaixada, conforme um vídeo publicado por Martinelli na rede social X.

Além de escolher o chefe de Estado, 3 milhões dos 4,4 milhões de panamenhos foram chamados a eleger 71 deputados e os governos locais. Em um país sem partidos de esquerda, os candidatos fizeram promessas semelhantes: empregos em abundância, dinamismo econômico e reformas anticorrupção.